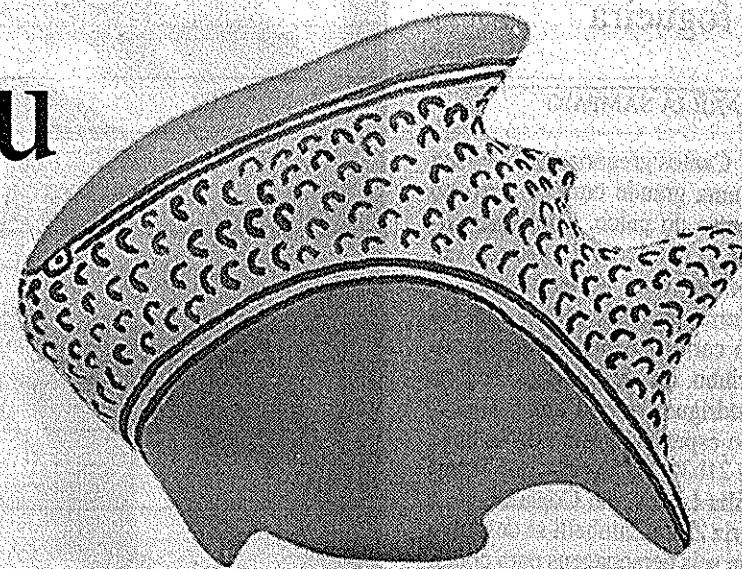


Mitos do Xingu na cerâmica dos Waurá

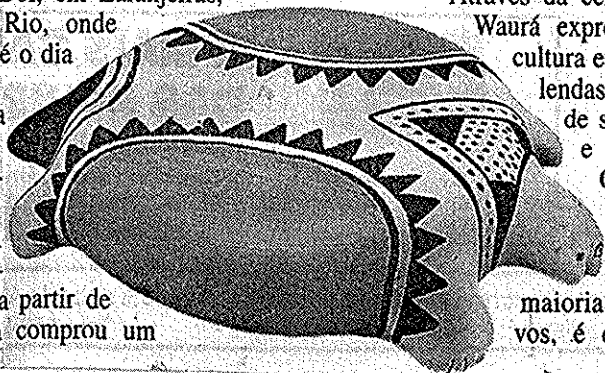


Peças representativas do povo do Alto Xingu poderão ser vistas a partir de hoje em exposição em Laranjeiras

LENA FRIAS

A cerâmica Waurá – indígenas do Alto Xingu pertencentes ao tronco lingüístico Aruak –, há muito vem sendo considerada e estudada pela qualidade, beleza e significados antropológicos. É uma cerâmica de base zoomórfica, onde são representados ou sugeridos animais do universo físico e mítico desse povo que, hoje em dia, soma apenas cerca de 260 pessoas, distribuídas em 17 malocas próximas ao rio Batovi, no Mato Grosso. A cerâmica dos Waurá, bem como peças de cestaria, plumária e máscaras rituais, poderão ser apreciadas na exposição *A arte dos Waurás*, que vai ser aberta hoje na galeria Pé de Boi, em Laranjeiras, Zona Sul do Rio, onde permanecerá até o dia 24.

A mostra reúne mais de 400 peças, adquiridas por Ana Maria Chindler, a dona da galeria, a partir de uma troca: ela comprou um



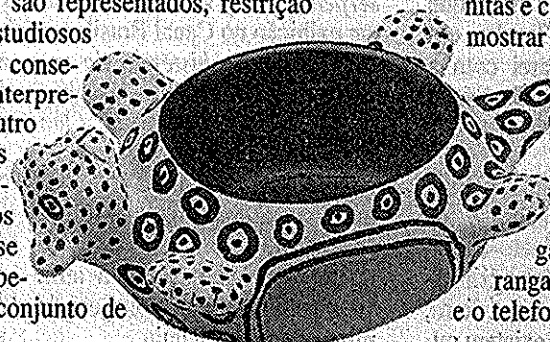
gerador que os índios precisavam para o fornecimento de energia para a iluminação e manutenção de remédios na farmácia da aldeia e eles estão pagando com peças de cerâmica. Ana Maria é uma apaixonada pelo universo indígena, com que vem lidando há muito tempo e cuja arte procura divulgar. “Um dos meus mais caros desejos é que essa coleção dos Waurá fosse toda reunida num só acervo, para que se tivesse um depoimento dessa cultura que é tão pouco conhecida e está sendo substituída pelas facilidades do mundo moderno. Ou seja, em vez deles moldarem as panelas no barro, estão chegando às aldeias as primeiras vasilhas de metal”.

Através da cerâmica, os Waurá expressam sua cultura e contam as lendas e histórias de sua origem e trajetória. O barro para eles – como para a maioria dos povos, é dotado de

qualidades mágicas, vinculadas ao universo do espírito, requerendo, portanto, preparações e rituais no manuseio. A tarefa era inicialmente masculina mas passou à responsabilidade das mulheres. Ritual de ancestralidade e passagem lembrado anualmente numa festa chamada Yamurikumá, quando as mulheres executam trabalhos masculinos. Pelas exigências naturais da magia que o impregna, o barro não pode ser tocado por mulher grávida – sob o risco de morte da criança ainda por nascer nem por pais jovens com filhos pequenos.

A cerâmica permaneceu como atividade feminina durante muitas gerações, mas o costume foi quebrado pelo comércio entre os índios do Xingu, o moitará: durante essa feira de trocas, os objetos decorados em forma de bichos eram muito requisitados. Essa procura exigiu o aumento da produção, o que veio requerer o uso da mão de obra masculina. Nos anos 70, quase metade da tribo ocupou-se na moldagem do barro. Foi necessário multiplicar ainda mais a produção quando os brancos descobriram e se fascinaram pelas peças de traços leves e modernos. O caráter religio-

so cedeu então um espaço significativo para o lado utilitário da produção. Ainda assim, os aspectos mais ligados à cultura estão sempre presentes. Por exemplo, o barro é trabalhado apenas durante o verão, nos meses das grandes festas. A variedade é grande: panelas, vasilhas diversas, cinzeiros, objetos de decoração. As panelas médias, muito procuradas, representam uma gama extensa de animais – peixes, tartarugas, antas, felinos e servem para cozimento e guarda de alimentos. Os vasilhames menores relacionam-se ao mundo dos antepassados. Os pequenos são mais utilizados para guardar, por exemplo, sementes ou fumo. Alguns animais e aves, como a cobra, o porco-do-mato e o beija-flor nunca são representados, restrição que os estudiosos ainda não conseguiram interpretar. Por outro lado, os que são representados podem se insinuar apenas num conjunto de



traços ou na sugestão de uma forma. Segundo Ana Maria, “os objetos esculpidos pelos índios waurás falam diretamente da interação do mundo real com o mundo dos seres místicos e espirituais. Nesse universo particular, os animais são retratados de formas variadas. Por exemplo, se uma onça aparece por perto da aldeia, a visita poderá motivar diversos vasilhames. Se, porém, a onça aparecer durante uma tempestade, a visita ganhará uma interpretação sobrenatural e é assim que aparecerá nos grafismos que hoje são estudados por antropólogos e sociólogos como um rico sistema de símbolos da cultura Waurá.”

Se as informações são interessantes, as peças o são igualmente. Além de bonitas e com qualidade para se mostrar em museus ou galerias de qualquer parte do mundo. Nas presente exposição, podem ser adquiridas a partir de cinco reais. A galeria fica na rua Ipiranga, 55, em Laranjeiras e o telefone é 285-4395

Class.	WRP00005
Data	09/07/99
Fonte	SENA DO BAUL
Página	1

Documentação